



O Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

22 DE MAIO DE 1965
ANO XXII — N.º 553 — Preço 1\$00

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PAGO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: Padre Américo

VALES DO CORREIO PARA PAGO DE SOUSA ★ AVENÇA ★ QUINZINHA
COMPOSIO - IMPRESSO NAS ESCOLAS GRAFICAS DA CASA DO GAIATO

Estou a ver o Ângelo no dia em que P.e Duarte no-lo trouxe. Botas novas de cabedal que uma senhora lhe deu e que ele não sabia calçar; cabeça rapada, sinal de abandono; aspecto esfomeado e uma saca branca na mão.

A mãe, com mais quatro filhos pequenos, ficou há anos sem marido e não tem capacidade moral e social para os educar. A minha mãe anda a pôr enxofre, eis o pão e vida da mãe e dos filhos. Ângelo tem dez anos e anda na primeira classe. A sua vida era a rua e o monte. Tem cara de desconfiado e é arredio.

No dia seguinte chegou o Agostinho. Veio de Celorico da Beira e tem aspecto de civilização. Foi o pároco que o acompanhou e se interessou por ele. Vieram numa boleia. Alegro-me com os párocos que se interessam com o bem estar dos seus paroquianos.

Agostinho é filho único. A mãe faleceu há anos e o pai há meses. Agostinho ficou sem pais e sem bens e sem família capaz.

TRIBUNA De COIMBRA

Vinha triste e de braçadeira preta. Trouxe na mala toda a sua fortuna. Quando me entregaram, ele pediu-me a bênção. Ficou a ser meu e eu dele.

Tem nove anos e anda na segunda classe. De tarde já foi à escola e no dia seguinte descalçou-se e foi com os outros acarretar erva para secar no campo. A sua alegria diz que encontrou a família.

Na mesma altura recebi carta dum pároco dos arrabaldes de uma cidade a apresentar um pequenito de dez anos, filho único, cujos pais estão completamente animalizados. O pequeno não tem o mínimo de ambiente humano.

Respondi a recomendar cuidado: ou o pequeno é anormal e o lugar dele não é em nossas casas; ou é normal e será difícil adaptar-se à nossa vida e corre o risco de os pais o virem buscar. Estou à espera da resposta.

Estas três vidas encheram a minha semana toda.

Padre Horácio

Malanje

Ele são pedidos de toda a parte!

Do IASA: «Dois menores sem ninguém que cuide deles». Disse que sim, muito embora não tenha espaço para mais um.

Ele é de Luanda: «O pequeno é tão maltratado pelo padrasto! Tem tanta pobreza em casa!» Concorde e tenho muita pena; mas, não.

Do Quanza-Norte: «Morreu o pai e os miúdos andam por lá». Esperem um pouco.

Ele do Lucala: «A mãe tem três e...». Meu Deus! será o primeiro a vir.

Teremos lugar quando a nossa Casa-mãe ficar pronta. Estamos nos acabamentos. Os que já fizeram uma casa sabem o que custa o fim.

Por aqueles que esperam a hora de entrar, pedimos uma ajudazinha. Cada um seu pouco não custa nada.

iam pensar numas grades pra gente. Um senhor alto deixou 500\$00. Mostraram ser nossos amigos.

E mais novidades. E comunhão.

Também lhe comunico:

— Olha, vem o tractor da Sonefe para desmatar. E mais sapatilhas da Fábrica Macabira. Ração da Induve. Mais uma vaca do Dondo. Mosaico. Como se portaram todos?

— Não houve novidade.

— Isso é o mais importante.

E fomos dormir como as crianças quando com as mãos cheias de brinquedos.

A escritura do nosso Culamuxito ainda demora um mês ou mais.

Os papeis pesam muito! Custa removê-los! E quanto tempo!

Sobre o nosso Tonito, o Banana e o Estrangeiro nunca se escreveu um papelinho. E são pessoas, filhos de Deus, Homens! E andavam por lá ao deus-dará!

Onde estão os pais deles? Quem os abandonou?

Não há processos para coisas tão valiosas!

Padre Telmo

PÃO DOS POBRES

Tem saído. E continua a sair. Graças a Deus!

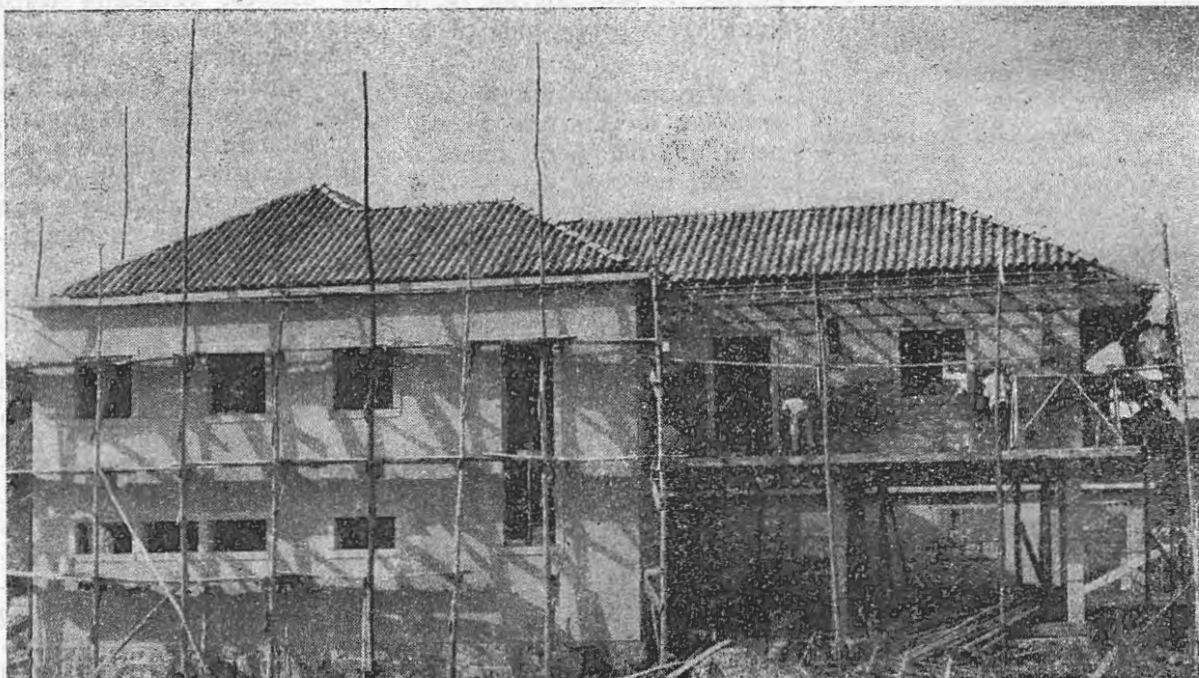
Lídio — agora já não é o «Caixa d'Óculos», que regressou à Encadernação — ainda tem dias que expede aos 5 e 10 «Pão dos Pobres»! Seja do III, do II e até do I volume. Eu gosto — nós gostamos — de o ver ocupado na tarefa. O «Pão dos Pobres», todos os livros que o Senhor ditou a Pai Américo, são labaredas que incendeiam almas — mesmo as que se dizem contra ou indiferentes aos problemas da Vida e à vida dos Pobres. Mas são os que mais beneficiam. Os que mais se deleitam. Os que mais vibram. Os que mais explodem d'Amor. Por isso eu gostei tanto, tanto, do postal que segue:

«Tem este o fim pedir-vos o favor de me enviar à cobrança o 2.º livro do «Pão dos Pobres». O 1.º já eu tenho há muito, o qual tenho lido e relido e jamais acabarei de ler. Tenho pena que muita gente não conheça esses mimos literários do santo Padre Américo e pusesse em prática o seu santo ideal. Então o mundo seria já o céu na terra».

E gostei não só por causa daquele jamais acabarei de ler como e, sobretudo, por via do tenho pena que muita gente ainda não conheça esses mimos literários do santo P.e Américo. Esta amargura e angústia, porém, é fácil amenizá-la. Assim todos abrissem os olhos e, depois, a boca. É que o facho luminoso dos mimos literários — amorosa doçura de consagração e amizade! — não pode ficar encaixotado e escondido em estantes da nossa livraria ou nas vossas bibliotecas. Que o «Pão dos Pobres» não pode ser exposto aos ratos nem deteriorado pelo tempo — vítima de imobilização. Precisa, sim, de girar, de andar, de correr mundo, para que ele seja não digo já o céu na terra, mas, ao menos, um Mundo Melhor.

CONTINUA NA TERCEIRA PAGINA

A Casa-mãe de Malanje — fruto de muito trabalho, de muito suor, de muita confiança em Deus e na bondade que Ele suscita nos homens — é uma categoria!



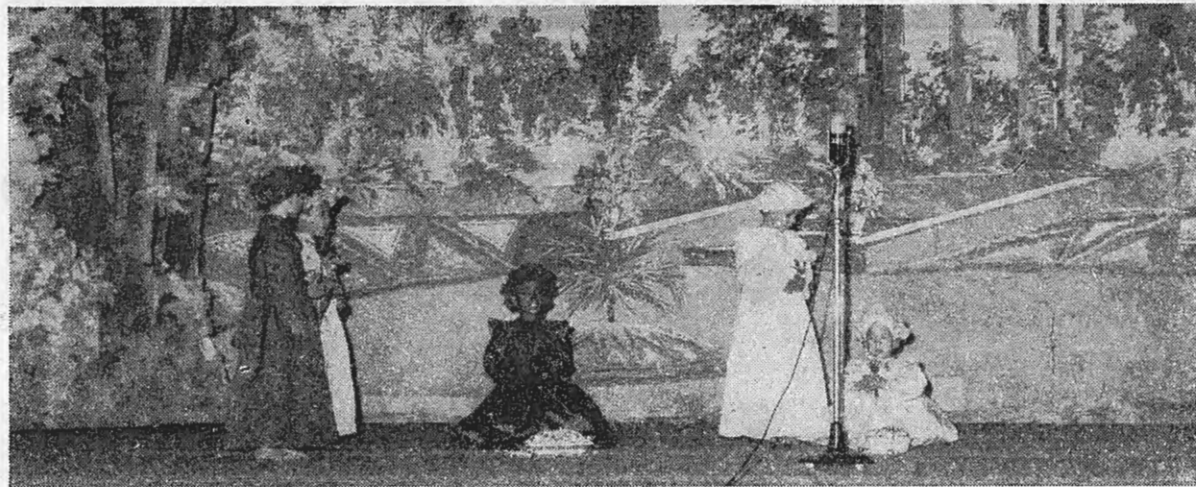
Setúbal

As nossas festas acabaram para este ano. Eu nem falaria delas se não devesse referir-me a um conjunto de dedicações e de frutos de que muita gente não dá conta.

vender. A culpa foi um pouco nossa. Fiámo-nos no calor do ano passado e confiámos!... Mas aprendemos a lição!

A opinião pública de crítica à festa, foi de que ela teve

O Barreiro encheu-nos de mimo. Mandou-nos buscar e trazer em três belos auto-carros. Pôs o Ginásio da Cuf à nossa disposição. Pagou-nos o imposto às finanças e à G.N.R.. Nós não gastámos um tostão em nada. Vendeu-nos os bilhetes. Fez a propaganda. Acarinhou-nos como seus filhos!... Como nos sentimos bem no Barreiro!... À despedida, os auto-carros foram carregados de géneros de mercearia e batatas com um abraço da Direcção das Fábricas da Cuf. A pouco e pouco tenho descoberto, naquela terra, riquezas



«Oração das flores» — um dos variados números das nossas festas

É verdade que as festas nas Casas do Gaiato são um sinal de amadurecimento, como dizia Padre Carlos e a prova mais evidente da capacidade realizadora dos rapazes.

Eu não estive totalmente de parte na preparação dela mas quase. Foram eles, Crisanto mais Rouxinol, com o dedo discreto da Sra. Professora, a alma da Festa. Mesmo este dedo deseja desaparecer, pois tem muito mais que fazer, para que sejam somente Eles.

A nossa festa durou sensivelmente um mês. Sim, foi um mês de festa. Festa na alma deles! Eles a cantar, eles a sorrir, eles a sonhar, eles num fervilhar de emoções antecipadamente saboreadas, ao pensar na sua grande noite! Os ensaios frequentes, a música que se prepara, as sugestões deles sempre ricas de imaginação, alimentaram a fogueira sempre crescente na medida em que o dia se aproximava.

O que este ano caracterizou a nossa festa e o que mais alegria me deu, foi a dedicação da maior parte deles. Uma dedicação que nunca olhou a noitadas, ao aborrecimento próprio dos ensaios, à minha falta de paciência e até à minha pouca disponibilidade. Apeteceu-me cantar um hino à generosidade dos jovens quando nós a sabemos suscitar e conduzir.

O Luiza Todí esteve à nossa disposição. Nessa noite mais ninguém lá manda. É nosso. É-nos dado. A assistência faliu um pouco. Estiveram os mais quentes, os que não podem passar sem este convívio anual, mas havia muitos lugares vazios e os bilhetes ficaram por

«um nível elevado». Ainda bem. É preciso subir sempre!

A nossa presença no Barreiro foi uma experiência de resultados muito brilhantes.

humanas enormes. Fiquei com muitas saudades do Barreiro e por isso voltaremos para o ano, se Deus quiser.

Padre Acílio

QUEIMA DAS FITAS

A já tradicional «Queima das Fitas» que anualmente os finalistas da Universidade do Porto realizam, este ano, como nos anteriores, também se realizou, não faltando o costumeado brilhantismo.

É também tradição, os estudantes marcarem uma data para se realizar um peditório que reverte a favor da Casa do Gaiato.

Por isso mesmo, nomearam-se alguns dos nossos rapazes mais pequenos que se deslocaram ao Porto para esse fim. Não há dúvida nenhuma que tinha de haver alguém para os acompanhar a esta cidade, e esse alguém é o autor deste breve apontamento.

Foi estipulado um horário para nos levantarmos de maneira que não perdessemos o comboio marcado.

Eu, encarregado de os levar ao Porto, tinha a obrigação de os despertar de manhã à hora combinada: 5,5 horas.

Acontece que meia hora antes já se encontravam todos a pé e prontinhos para seguir. Que bom! Ainda bem que não

tive o aborrecimento de os ir acordar um por um. Os nossos colegas, que àquela hora ainda dormiam, foram as vítimas, visto o barulho ser demasiado.

A hora do comboio aproximava-se. Eles inquietos e com interrogações na boca diziam: «Quando vamos?» «Não há meio de sairmos daqui?»

Depois de muito falarem e eu muito me ter zangado, a hora chegou. Caminhamos até Cete para aí tomarmos o comboio que nos levaria ao Porto. Entretanto chegamos a S. Bento. Daí seguimos com muito custo para o Café Imperial onde tomámos o pequeno almoço, oferecido como sempre pelo seu gerente.

Acabado isto, seguimos para a Faculdade de Ciências. Trajecto custoso, visto os rapazes não estarem habituados a ver tanto trânsito em seu redor: era um que se distraía e não seguia as pisadas de dois rapazes mais crescidos que seguiam à frente; rapazes esses que são vendedores nesta cidade. Eu vinha na rectaguarda para que ninguém ficasse atrasado. Mas, mesmo assim, tinha de esperar por um que apertasse os atacadores; por outro queixando-se que os sapatos lhe feriam os pés; ordenar os mais bebés que seguissem para junto dos dois citados atrás, visto encontrá-los sempre a admirar brinquedos e outras coisas expostas nas

montras. Enfim, depois de muitos sacrifícios e canseiras, chegámos sãos e salvos ao fim do trajecto.

Aí, já alguns finalistas nos aguardavam, para assim começarem um dia de trabalho que era todo a nosso favor.

Como nos anos anteriores, à hora marcada, reunimo-nos todos no Espelho da Moda: Estudantes e pequenos, para ali darem contas.

O dia terminou bem, como era de prever. Oxalá todos os anos Deus assim o permita!

Termino agradecendo a todos os que colaboraram para este Feito. Em especial aos finalistas que acompanharam os nossos rapazes. Aos do Espelho da Moda que tiveram de aturar durante alguns minutos toda a canalhada e que nos prestaram grandes serviços na contagem do dinheiro.

Não podia deixar de falar do Café Imperial que nos serviu um delicioso pequeno almoço e na Padaria Ceres que fornece o pão.

A todos os nossos agradecimentos e que Deus lhes pague. Até sempre!

António da Silva

Visado pela
Comissão de Censura



«Até ao lavar dos cestos é vindima».

Até ao levantar da tenda... é festa...

Tenho pena de só agora vir reclamar contra os Senhores Tipógrafos, por terem deixado passar tantas gralhas sobre o artigo referente à Festa de Viseu. Não há direito! Até um período vinha todo *baralhado*! Espero que a curiosidade dos Visienses se tenha aliado boa dose de boa vontade, para atenuar o mal causado por tão danados bicos. Mas parece que já estou a ouvir as razões dos Senhores Responsáveis: «Pois ela (eu) está a fazer umas garatuja que não há quem as leia...». E é verdade! A minha letra está cada vez pior! Tenho é que dar a mão à palmatória...

Quem toca muitos instrumentos juntos... É o que me está a acontecer. Tanta coisa necessária que fica por fazer, ou mal feita, ou incompleta. Uma delas, o dar aqui notícias. Mas, depois dum dia inteiro gasto em actividades absorventes, já não há cabeça para encadear meia dúzia de ideias e escrever algo que valha a pena. Depois duma manhã inteira gasta pela quinta

com as moças mais velhas, que já cuidam dos porcos, dos coelhos e das galinhas e já vão aprendendo a mondar, a sachar, a regar, etc., o corpo reclama repouso e recusa-se a colaborar com o intelecto. Outras vezes são mesmo as mãos que recalçitraram. Depois de uma tarde inteira a partir batatas de semente, os músculos estão distendidos e os dedos não conseguem adaptar-se à caneta. Daí as tais garatuja...

Eu adapto-me com facilidade a qualquer espécie de trabalho, graças a Deus. A qualquer pessoa que venha para Belém é indispensável a disposição de servir onde e como mais convier à Obra. Mas não pode deixar de ser considerada situação de emergência esta de a pessoa que tem sobre os ombros as responsabilidades de orientação não ter a liberdade de movimentos e o tempo livre indispensáveis ao desempenho de tal encargo.

Belém pretende vir a ser uma solução para os problemas da mulher pobre e sem amparo — hoje criança, amanhã rapariga, depois adulta e por fim velha. Está a ser talhada em moldes que lhe permitam atingir um dia esse fim, mas não o conseguirá senão na medida em que for aumentando o número de elementos que se dêem a servi-la numa doação total e sem reservas.

Para já, não haverá, por essas aldeias de Portugal, rapariga saudável de corpo e alma, conhecedora dos trabalhos do campo, que queira gastar a vida a partilhar da nossa vida, tornando-se mestra e companheira das Belenitas (o seu anjo de guarda) nas lides da quinta? Uma rapariga que venha disposta a dar tudo o que puder e souber, mas só por amor de Deus e das filhas de ninguém. Uma rapariga que não venha fugida ao campo, em cata da hoje tão falada promoção social, que nestes casos costuma cifrar-se em vestir de senhora, parecer o que não é e fazer o que não sabe. Quem a descobre?

Há dias apareceu aqui o Superior dos Missionários Combonianos, com os colchões e cobertores que mandámos para os gaiatos.

— Deus lhes pague todo o trabalho que lá tiveram com a rapaziada — disse eu.

— Qual trabalho! Foi uma alegria! À despedida até as Irmãs saíram da cozinha, para ouvir os «Batatinhas» a cantar o «Ai Susana, não chores mais por mim»!

Na Casa dos Retiros, Senhora Viscondessa, encantada com o aprumo e correcção dos vinte e cinco maiores que lá dormiram:

— Mais correctos e cuidadosos do que muitas raparigas que por cá têm passado.



Notícias da Conferência da nossa Aldeia

Não adormecemos, não senhor! Mais que a falta de espaço no *Famoso*, as festas desorientaram toda a nossa vida. E até os Pobres sofreram uma nadinha, enquanto outros, muitos, beneficiaram com o sopro alegre de comunhão espiritual que elas proporcionam.

Agora, a vida serenou. E vai tornar a carrilar normalmente, se Deus quiser.

Deveria, antes de tudo, dar à estampa breves notícias dos nossos Pobres. Deveria. Porém, o sobrescrito dos vossos donativos está mesmo a rasgar de sobrecarregado. E, por isso, vamos mas é pôr a escrita em dia pra toda a gente saber e sossegar da massa que chegou e tem saído e continua a sair. De tal forma que se nos fôssemos cingir única e simplesmente à que vem canalizada por aqui seria *banarrota*. Mas Deus supre por outro lado. Ainda que desse, por vezes, recebamos uns *despachosinhos* com um vinagre tão doce que a gente não se atrapalha! E anda prá frente ainda mais contente. Ai vai a *procição*:

Da assinante 17022, 40\$00. Mais 30\$00 de Alice. E 50\$00 de uma Euclídia. O mesmo do assinante 259, do Porto. É dos primeiros! Agora um valente bolo de Lisboa «para ser integralmente distribuído pelos Pobres visitados pelos membros da Conferência da Casa do Gaiato». Foram 1.000\$ e que rico jeito fizeram! Bom amigo, quando puder repita a dose. E continua com a mesma discreção-modelo que o Senhor ensinou a todos os homens de boa vontade. O mundo nem sempre assim entende, é certo. Mas não malhar é que o ferro verra! Mais 40\$00 da assinante 17022! Isto é que é formidável! Podemos atrasar-nos, andar esquecidos, mas a 17022 marca uma presença tão perseverante que nos serve de lição e meditação. Agora é a vez de *Alice Pequena*, que foi da Fábrica de Tabacos do Porto — vítima da mecanização. Os homens vítimas da máquina! Ainda não há muito li, algures, que o problema — sobretudo na América das mecanizações, modernizações e o mais — é tão sério que já põe os «técnicos» a magoar na solução, nas soluções, que tardam sempre e nem sempre estão de acordo com o valor do Homem que não é servo da máquina — mas de Deus que lhe dá a inteligência, a sabedoria, e os seus frutos para o bem estar de todos... Aquela Funcionária dos C.T.T. de Lourenço Marques também é muito certa. E aparece, de cada vez, com uma nota de 20\$00 metropolitano, que os de lá receia a desvalorização pelo câmbio! Câmbio em moedas da mesma Pátria!... Mais 50\$00 de uma anónima. E mais 20\$00 do assinante 13305. E 100\$00 de um português, assinante 3459. Nova presença de 1.000\$00 do ou da «Bragança» de Lisboa. Ora vejam como as coisas são:

Ainda bem, pois parece que o problema da instalação da malta, de início, ainda assustou algumas pessoas.

Fui agradecer à Senhora Proprietária da Pensão Ideal, que recebeu gratuitamente, de cama e mesa, os sete músicos e o motorista.

«Não me agradeça — disse — que não lhe fiz favor nenhum. Só quis dar esta pequena ajuda aos Gaiatos e a Belém. E olhe que Deus já me pagou nem sei quantas vezes. De então para cá tenho tido sempre a Casa completamente cheia».

É assim mesmo. O que se faz por amor de Deus e do Próximo, Deus o paga cem por um. Quem quiser a prova, experimente!

INÉS

lá pra cima pedi repetição e, afinal, não tinha reparado que a primeira seguiu logo outra! Graças a Deus. O nosso amigo assinante 18223 — cliente assíduo da nossa Tipografia, que precisa, agora mais do que nunca, do interesse de todos — marca presença com 50\$00. Mais 40\$00 da ass. 17022. Isto é uma assiduidade que espanta o mais frio e desinteressado! Novo cheque de 50\$00. Coube-nos 20\$00. E outros 20\$00 da Funcionária dos C.T.T. de Lourenço Marques. E mais 30\$00, de Mirandela, «para distribuírem pelos Pobres, é por alma de meus Pais». O mesmo de uma anónima. E 10\$00 da assinante 12751. E 40\$00 do Funchal. E 50\$00 de um Médico muito amigo das Caldas da Rainha. E outros 1.000\$00 do ou da «Bragança», de Lisboa, que bateu o record e segue na primeira linha desta coluna. Mais duas achegas da assinante 17022! E 50\$00, de Espinho, «para uma viúva pobre e com filhos». Temos delas. E a «massa» foi opor-

tuna. Espinho não esquece o caminho pra nossa Casa e nós muito menos esquecemos as primeiras vendas dos primeiros *Famosos* que saíram do prelo e que por lá passámos, de sangue na guelra, conquistando Amigos. Espinho torna por mão da assinante 15419, com importância idêntica «por alma do meu saudoso Marido». Que Deus o tenha em Sua Glória. E ainda mais 50\$00 de Espinho, por intermédio do assinante 20.856. Viva Espinho! Mais 75\$ de M. Adelina. E 40\$ do Eng.º Vilela Bouça. E mais 50\$00 da Foz do Douro. E o dobro de Lisboa. E 20\$00 da Ourivesaria Central, do Porto. E o mesmo de Rio de Moinhos (Ribatejo). E mais 50\$00 de Lisboa. E o dobro de *Alice Pequena* que torna «pelas melhoras do ataque cardíaco que sofreu». Graças a Deus. E o Porto com outros 20\$00 da Rua Dr. Vasco Valente. E mais 50\$00 «por alma de Guilherme, de Joaquim e Maria Tereza». Que o Senhor os guarde a todos. Segue-se o assinante 6202, de Gondomar, com 20\$00. E o n.º 5563, da Figueira, com a mesma nota. Mais 120\$00 do assinante 19205. 20\$00 de A. F., que raro falta. 10\$00 «em selos por uma graça obtida por intermédio do Pai Américo», que remata assim: «É de uma pobre para os pobres». Bendito seja Deus! Por fim, temos a «Viúva do Porteiro» com 20\$00 por alma de seu marido.

Júlio Mendes



Uma Carta

«Tinha destinado mandar-lhe 1.200\$00, mas, entretanto, chegou o 3.º volume de o «Pão dos Pobres». O grande sedutor, o nunca esquecido Padre Américo, fez com que as lágrimas de que os meus olhos pecadores se encheram se transformassem em 300\$00. Pobre gota de água perdida no oceano das necessidades com que lutais! Só me resta o prazer de ser ganho este dinheiro com trabalho e esforço, pois a minha saúde está longe de ser boa. Não o tirei, no entanto, às minhas necessidades. Dou do que Deus me dá, apenas com uma diferença: Ele dá-me muito e eu dou pouco.

Espero que tenha recebido todas as mensalidades que lhe tenho enviado desde 22 de Agosto. Nós, os que damos na ânsia de querermos ser úteis aos nossos irmãos que sofrem, gostamos sempre de saber se o que demos é recebido, se chegou bem, etc.; enfim, queremos ter o consolo de saber que as nossas pobres dádavas consolaram os que sofrem, ao menos em parte.

Conservo religiosamente o cartão que me escreveu em 23 de Agosto último, a propósito daquela pobre família que tinha uma grande dívida, e para a qual eu destinara, inicialmente, a minha mensalidade. Conservo-o, principalmente, pelas suas últimas palavras: «que o Senhor seja o seu Cireneu». Padre, eu sofro muito, mas sofro de boa vontade, humildemente, reconhecendo que outra vida não mereço; mas falta-me a coragem, também, muitas vezes, e caio em crises de desespero. Sei que vós rezais pelos que vos auxiliam. Peço, portanto, o favor das vossas orações, não para que eu deixe de sofrer, mas para que a coragem não me abandone e a minha alma não se perca.

Que Deus me dê forças para trabalhar até aos últimos momentos de vida e vos dê, a todos vós, o amparo de que tanto necessitais para o prosseguimento e engrandecimento de uma Obra que irradia Jesus Cristo e a quem a minha alma pecadora tanto deve».

PÃO DOS POBRES

Continuação da PRIMEIRA pág.

Vamos, senhoras e senhores! Vamos animar. Que a gente não goste, não pode, nem deve estar parado! Há livros na estante. Há deles para editar e reeditar. E, por isso, adquirimos já uma nova máquina (por mais de 300 contos!) a rolar que é uma maravilha, ocupada no «Obra da Rua», que a maioria dos nossos leitores ainda não possui. Agora é uma delícia! E o Senhor nos dê forças para merecer este benefício — mais vosso que nosso. Porque os livros de Pai Américo não são livros de mercado. Não são mercadoria. Mas explosões do Sobrenatural.

Quisera poder respigar mais e mais presenças vivas, que vibram pelo «Pão dos Pobres». Dar todas à estampa. Mas hoje não. O «Famoso» é cada vez mais pequeno! Tomemos só

boa nota do belo desabafo da assinante 31185:

«Há muito que eu tinha vontade de saborear o «Pão dos Pobres» mas, como sou muito preguiçosa para escrever e tenho muito pouco tempo para o fazer, ia-me privando dele. Como nos dois últimos números do «Famoso» li que ainda restam exemplares dos três volumes, tive um «ataque» de coragem para escrever e aqui estou e pedir-vos o favor de me enviarem os três preciosos volumes. Junto 100\$00. Não sei se chegará para pagar o valor material dos livros, pois o valor real nem se fala. Se não chegar mandem dizer, sim?»

Fechamos com chave d'ouro! Quem dera, pois, que muitos, em circunstâncias idênticas, sejam vítimas de novos «ataques» de coragem!

Júlio Mendes

Metos da Obra da Rua



Filho do Fernando Guedes



Filha do Cristiano

CONFIE A EXECUÇÃO DE IMPRESSOS DO VOSSO ESCRITÓRIO, FÁBRICA, ARMAZÉM, ETC., NAS

TIPOGRAFIAS DA CASA DO GAIATO

SETÚBAL, TOJAL E PAÇO DE SOUSA



TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE

PELAS CASAS DO GAIATO

Venda do Jornal no Porto

Caros leitores eis-me de novo a dar-vos notícias de como têm decorrido as nossas vendas.

Julgo ter feito na última crónica que escrevi um apelo aos nossos amigos de várias cidades, por onde vendemos o nosso Jornal. É certo que esse apelo, me parece a mim, só foi atendido em Guimarães, visto só nesta cidade aumentar a nossa venda. Restantes amigos das outras cidades e vilas onde vendemos o nosso Jornal, acordem e não se deixem ficar mal à beira de Guimarães porque nesta cidade desde que fiz o apelo aumentou quase 100 jornais. Sendo assim os nossos amigos das outras partes onde vendemos têm por obrigação de fazer o mesmo. Mais uma vez volto a incitar-vos para que comprem o nosso famigerado Jornal. Amigos, vibrai e comprei o nosso jornal, para que a nossa venda seja maior, visto que os nossos rapazes só ficam contentes quando esgotam os cinco mil jornais que levam para vender. Portanto, amigos, ajudem-nos a ficarem contentes comprando-lhes o jornal. Grato vos fica por este pedido, e desde já me despeço até à próxima.

António Manuel Sanches (Caparica)

Lar de Lisboa

Há já algum tempo que as notícias do Lar de Lisboa não se têm notado nas colunas de «O Gaiato». Essa falta deve-se essencialmente ao facto do período passado ter sido um período de muito trabalho, como em todo o lado, e em que quase todos os momentos disponíveis se iam, ou pelo menos deveriam sê-lo, dedicados ao estudo. Agora estamos no 3.º período, que normalmente é difícil, não só por ser um período «tira-teimas», como ainda por ser a altura da preparação para os exames. O aproveitamento foi razoável até aqui, e com um pouco mais de boa vontade poderemos transpor este obstáculo, dando assim um passo mais no nosso futuro.

Em virtude de alguns rapazes mais velhos terem saído, foi nomeado chefe do Lar o Luís, já conhecido dos leitores de «O Famoso». Esperamos que ele seja um bom orientador do Lar, o que saiba compreender até onde as suas possibilidades o permitam, os problemas dos rapazes que lho foram confiados, para melhor os poder compreender, ajudando igualmente a Casa, na difícil missão que lhe está confiada.

Não queríamos esquecer neste pequeno apontamento de presença do Lar de Lisboa, todos aqueles Amigos que foram duma amabilidade e, principalmente, caridade, ao responderem com tanta rapidez ao pedido de guarda-chuvas que aqui foi formulado. Quando nos deslocamos para as escolas ou liceus, empregos ou qualquer outro serviço, estais sempre presentes em nós. Portanto, a todos muito obrigado.

Temos também de inserir hoje nesta crónica o problema que mais nos preocupa neste momento: a casa. Todos conhecem a enorme dificuldade

em arranjar casa em Lisboa, principalmente para o fim que pretendemos, e de acordo com as possibilidades. Já lançámos o apelo, e continuamos à espera de alguém que não se lembrou ou não teve ainda tempo de verificar nos seus arquivos, se havia de facto alguma casinha que se pudesse dispensar para os gaiatos. A vossa generosidade manifesta-se diariamente e das mais diversas maneiras. Quem sabe se esta será uma das muitas maneiras de praticar essa mesma generosidade? Aqui deixamos o alvitre, agradecendo-vos todas as provis de carinho para com a Obra da Rua, e em particular por esta pequenina célula.

Mário Fernando

SETÚBAL

Era sábado — A sineta tinha tocado pro banho. Eu estava na oficina. Nautilus veio ter comigo e diz: «Ernesto eu queria uma tábua para fazer uma viola». E mostra-me um pedaço de corda emendado. Procurei a dita tábua e cortei-a em feição de raquete. Preguei três pregos e comecei a colocar as cordas. Vi-me e desejei para fazer que elas dessem o som desejado pelo Nautilus. Fiquei triste por não o conseguir. Nautilus tirou-me do desbarato dizendo-me que estava ele as cordas. E lá foi ele todo contente, e eu também pelo afecto destes irmãos pequeninos.

Cereja — Veio ter comigo pra pedir os senhores um pano de bilhar. Eu refilei e disse que pedisse ele. Ele não se fez rogado e façam o favor de o ler e ouvir:

«E pela primeira vez e com muito gosto, que escrevo para este grande jornal «O Famoso». É pelo início que lhes começo por fazer um pedido. Os senhores leitores já devem saber que nós cá em casa temos bastantes jogos, os quais correspondem ao jogo da bola, que nos desenvolve bastante, temos o ping-pong que nós gostamos muito. Mas acima disto tudo falta-nos falar do bilhar e é dele que o nosso pedido vai ser feito. Se algum dos nossos leitores tivesse por aí algum pano dum bilhar que não lhes sejam falta agradeceremos imenso, porque o pano que está no nosso bilhar já está muito estragado. Com certeza nenhum dos nossos leitores deixará este pedido para trás. Não há ninguém que não goste de jogar ao bilhar. Até os nossos batatinhas gostam de pegar numa bola para ir jogar. E com isto tudo termino este pedido que não é meu mas sim de todos os rapazes. Cumprimentos para todos os nossos leitores.

António Pereira «Cereja».

Festas — Que boas as nossas festas! Só queria que visses o entusiasmo cá em casa. Que bom este ano! Crisanto e Rouxinol estiveram à frente desse entusiasmo, e arrastaram outros. Dos rapazes mais velhos saíu muito brio. Eles vão vendo e sentindo que a iniciativa saída deles é um chamamento para os outros. Só por isto, valia a pena fazer festas. Mas o fruto delas não foi só para casa. Eu pude ver no Luís Todt o entusiasmo dos que comungaram conosco. A saída fumos prás portas com as capas. Aquele porteiro foi o primeiro a lançar na capa «o seu ordenado daquela noite». Só por isto valia a pena fazer festas.

Ernesto Pinto

PAÇO DE SOUSA



José Adolfo, eleito chefe maior de Paço de Sousa.

Impedido pelo serviço militar, Vusco de Carvalho (até aqui chefe maior) não pôde continuar a exercer o cargo.

Tivemos de proceder à escolha de novo chefe que se realizou no dia 2 do corrente mês, Domingo do Bom Pastor.

Antes de se iniciar a votação Sr. P. Carlos disse da seriedade com que todos deviam encarar o acto. Que a boa organização da nossa vida comunitária dependia daquele que fosse por nós escolhido. Com esta intenção, e após a invocação do Espírito Santo, procedemos à escolha de novo chefe.

Para primeiro, foi escolhido José Adolfo. Para segundo António Antunes.

Para estes, os nossos desejos de que tudo lhes corra pelo melhor. Que a multa os saiba compreender e ajudar, o que, certamente, sempre farão.

Com início no Coliseu do Porto, terminaram em Amarante as nossas festas. Podemos afirmar que Amarante correspondeu inteiramente ao que dela esperávamos. Não tanto pela encheite que registou (a sala transbordou!) mas pela maneira simpática e agradável como nos receberam após 7 anos de interregno.

Cientes da responsabilidade que assumiam ao apresentarem-se perante um povo que os aguardava com ansiedade, os nossos rapazes, (neste caso os actores) não se pouparam a esforços para que tudo corresse pelo melhor, e pudessem proporcionar ao povo de Amarante um bom espectáculo que eles, incontestavelmente, mereciam. Correu tudo bem graças a Deus. Excepto uma ou outra falta (não somos actores profissionais!) que todos souberam compreender.

Os quentes aplausos, a boa disposição, o interesse, que todos os espectadores demonstraram, — párocos das redondezas anteciparam as cerimónias do Mês de Maria e em uma dessas paróquias alugaram, até, uma camioneta! — é uma prova evidente que a nossa festa agradou inteiramente a todos que a ela assistiram.

Felizes porque fechamos as festas deste ano com chave d'ouro.

Felizes porque cremos ter conquistado o povo de Amarante.

Felizes porque tudo nos correu maravilhosamente.

Fausto Teixeira

TOJAL

As festas constituem um dos assuntos mais palpitantes na vida das nossas Casas. Compreende-se perfeitamente que assim suceda, dado que elas constituem uma oportunidade

para mais se apertar este laço de amor que comumente nos une. É um assunto acerca do qual se fala durante todo o ano, mas que, como é lógico, passa a estar na ordem do dia à medida que a festa se aproxima. Pois este ano sucedeu isso no Tojal, e o entusiasmo posto na sua preparação foi a causa do êxito alcançado. Podemos afirmar sem a menor sombra de receio, que a festa deste ano a todos agradou plenamente, e em todos imprimiu uma vontade forte de voltarem no próximo ano.

Como é natural, todos os triunfos têm alguém que neles influa decididamente. Pois na nossa festa, além da vontade e da generosidade dos participantes, há que acentuar a extraordinária acção de alguém que, abdicando das suas mais que merecidas férias, veio até nós numa manifestação grande de amor, dedicando dias inteiros aos ensaios e consequente preparação geral. É um seminarista muito nosso amigo, e que já de outras vezes nos tem manifestado o mais enlevado carinho.

Mas, a alma da festa, foram todos aqueles que a ela assistiram e que, uma vez mais, deixaram expressos todos os sentimentos de ternura e caridade que nutrem pela nossa Obra.

Agradecemos, sinceramente, e cremos, como alguém o disse, que fostes um tudo nada mais cheios, mais confortados, mais ricos.

Ainda, e aproveitando o facto da festa, queremos chamar a vossa atenção para a demonstração efectuada no final, relativa ao andamento e modo como ele se processa, da nossa

futura aldeia. De certo todos gostaram e isso leva-nos ao abuso de lhes d'zermos algo mais sobre aquilo que dia a dia se transforma na mais concreta das realidades.

Os que já nos visitaram, decerto repararam na premente necessidade que aqui se sente, no que respeita a instalações. Pois elas vão começar agora a aparecer, e as escolas, de tudo talvez o mais urgente, crescem num ritmo que é expressão mais do que concludente para os de menos fé. Ora, o trabalho, que por todos é executado, desenrola-se numa azáfama quase ininterrupta, para a qual contribuem o irrequietismo dos batatinhas, a alegria dos miúdos e a força dos mais velhos. Tudo isto, sintetizando-se e coordenando-se como se fosse um quadro, oferece uma perspectiva deveras encantadora. Rapazes oriundos das mais diversas situações, ajudam-se mutuamente, comungando dos mesmos sentimentos, e contribuindo todos para a concretização dum ideal puro, urgente e mais do que necessário: a aldeia com instalações adequadas e onde a pedagogia de Pai Américo possa ser posta em prática.

Pois o que hoje te queremos deixar amigo leitor, não é mais do que uma mensagem convidativa a uma visita. Vem hoje, amanhã, ou quando a oportunidade se te deparar, e podes crer que regressarás satisfeito.

Portanto, quando a ocasião servir, não adies a tua visita. Crê-nos muito gratos.

Luiz Consaga

Venho hoje esclarecer as nossas leitoras — pois a elas mais directamente interessa a nossa Obra — da variedade de peças executadas pelas nossas aprendizes na sala de costura, bem assim como seus preços: —

Pijamas de senhora em flanela a 47\$00; Vestidinhos de criança, tecidos finos, desde 15\$00 a 20\$; Aventais de criada, tecido durável e com espiguiha a 16\$50; Os mesmos para senhora, lindos modelos desde 16\$ a 19\$; Outros para trabalho, a 8\$50 e 12\$; Saias de gorgorina para rapariga com 2 bolsos desde 25\$00; Robes para senhora em flanela a 45\$00; Bibes de popeline branca com manga comprida, próprias para ir à escola, desde 30\$; Babelos para criança, também em popeline branca e bordados, desde 18\$00; Camisas para homem em tecidos escuros, finos para verão, e cores firmes a 50\$00; Em popeline branca também a 50\$00; Camisas de dormir para senhora em tecidos leves, desde 45\$00. Temos também várias peças próprias para oferecerem aos doentinhos do Calvário:



saias, aventais, lençóis, camisas para homem, etc.. Agora peço a todos que nos lerem, o favor de guardarem este artigo, para por meio dele fazerem suas encomendas, que espero sejam abundantes.

Continuação das encomendas enviadas: Lisboa, 1 chale. Pelo Rev. P. e Aires, 1 chale para uma pobre da sua Freguesia. Lisboa, 2 mantas, 1 passadeira, 2 pares de soquetes, 2 camisolas, (esta senhora ofereceu também 4 camisolas, a 4 crianças deste lugar, que foram cobrir corpinhos que andavam quase nus). Bem haja minha senhora pelo bem que nos tem feito. Outra vez Lisboa: 2 camisas de dormir, e um cobertor de retalhos para berço; Ainda temos um, e custa apenas 14\$00. De uma Mãe, a costumada contribuição para a campanha do novelo,

lançada há já alguns anos. Foram muitas as contribuições na ocasião, mas tudo passou. No entanto, damos graças a Deus porque a obra continua através das vossas encomendas, apesar das nossas imperfeições. Senão, vejamos esta carta: «Cá chegou a encomenda em boa ordem. Quanto à obra, enfim... não se pode esperar mais, e Deus sabe os trabalhos que passa. Refiro-me em especial à toalha que fica pois sem ironia... é obra a oferecer pelos gatinhos da casa à moça que faz 25 anos, e está conosco há 10. Portanto, ela aceitará e vai até achar graça, porque dos gatos... todas as surpresas são boas. Não se desgoste, nem desgoste as obreiras. É preciso muita força de vontade sua e delas, e da sua parte, muitíssima paciência. Esperamos que se aperfeiçoem, e lhe proporcionem com isso muita alegria, de que elas tirarão bons frutos». — O que nos vale, é esta compreensão! Mais uma vez a nossa direcção: Casa de Jesus Misericordioso — Ordins — Lagares — Douro.

M. A.

